

Sindicato faz 82 anos



Expediente

Presidente:
Almir Aguiar

Sede
Avenida Presidente Vargas,
502/16º, 20º, 21º e 22º andares
- CEP 20071-000 –
Tel.: 2103-4117 (PABX) – Fax
(Redação): (021) 2103-4112

Sede Campestre
R. Mirataia, 121 -
Tel.: 2445-4434
Secretaria de Imprensa
Vera Luiza Xavier (Banerj/Itaú),
Ronald Carvalhosa (Banerj/
Itaú), José Antonio Pinheiro
(Banerj/Itaú) e Marcelo Ribeiro
(Itaú Unibanco)

Editor
Carlos Vasconcellos
MTb21335/RJ

Redatores
José Eurides de Queiroz
Mtb 11.7325 SP
Olyntho Contente
Mtb 14173/RJ

Revisor
João Luiz Pacheco

Ilustrador
Julio Mariano

**Projeto Gráfico e
Diagramação**
Marco Scalzo

Fotos
Nando Neves, Robson Monte e
Centro de Memória do
Sindicato

Secretário de Redação
Celedon Broca

Site
www.bancariosrio.org.br

*Impresso na 3 Graph
(Rua Marechal Aguiar, 36-
Benfica – Telefone: 3860-
0100) - Distribuição Gratuita*

Tiragem: 21.000

Índice



Página 3
Editorial

Página 4
Obras começam a
tornar realidade
Centro de Memória
do Sindicato



Página 8
As conquistas de hoje
e os alicerces do amanhã

Página 12
Credibilidade e
reconhecimento público



Página 13
O livro-bomba

Página 15
Entrevista com Paulo Paim -
o Senador dos trabalhadores



Página 18
A CUT e a luta pelo
fim da ditadura



**SINDICATO DOS BANCÁRIOS
DO RIO DE JANEIRO**



Juntos, começamos a construir os próximos 82 anos

No dia 17 de janeiro, o nosso Sindicato completa 82 anos de existência. Uma história escrita com suor e sangue. A cada aniversário do Sindicato não podemos deixar de citar Aluísio Palhano, ex-presidente da entidade (foto capa), torturado nas dependências do Destacamento de Operações de Informações/Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi) e cujo corpo jamais foi encontrado. O seu nome será sempre lembrado e sua vida sempre referência e inspiração para todos os trabalhadores. Graças a ele e a tantos outros companheiros e companheiras combativos temos hoje o direito à livre expressão e à convivência democrática.

A categoria teve também um papel importante na luta contra o neoliberalismo nos governos Sarney, Collor e FHC, quando o patrimônio público, inclusive bancos, foram privatizados, entregues de bandeja à sanha do grande capital privado.

Conquistas históricas, como salário mínimo profissional, data-base, acordo coletivo nacional, jornada de seis horas, fim do trabalho aos sábados, participação nos lucros, tíquete refeição, vale-alimentação, PLR para licenciados, adicional da PLR independentemente da variação do lucro das empresas, aumento real de salário, criação de mecanismos contra o assédio moral previsto na Convenção Coletiva, fim do transporte de dinheiro por bancários, entre outras vitórias, são frutos de nossa unidade e mobilização. Fica a lição de que sem luta não há conquistas.

Nosso presente honra o passado histórico e prepara dias melhores para o futuro. Somos hoje o Sindicato que mais reintegra bancários na Justiça. Vencemos centenas de batalhas judiciais em favor de bancários e em defesa do direito de greve. Na parte administrativa, procuramos oferecer aos bancários mais conforto e serviços melhores e mais ágeis. A reforma da sede, realizada na gestão 2003-2006, mudou a cara do Sindicato, modernizando e otimizando as dependências da entidade. Realizamos, em 2011, novas obras para melhorar a sede campestre e nosso próximo projeto é reformar todo o 16º andar, para oferecer mais conforto para os aposentados e viabilizar o sonho de nosso Centro de Memória.

É o início de uma nova era. Começamos a construir parte dos próximos 82 anos do Sindicato. Esta edição especial tem como propósito mostrar um pouco desta extraordinária trajetória. E você, bancário e bancária, é parte fundamental dessa história. Parabéns.

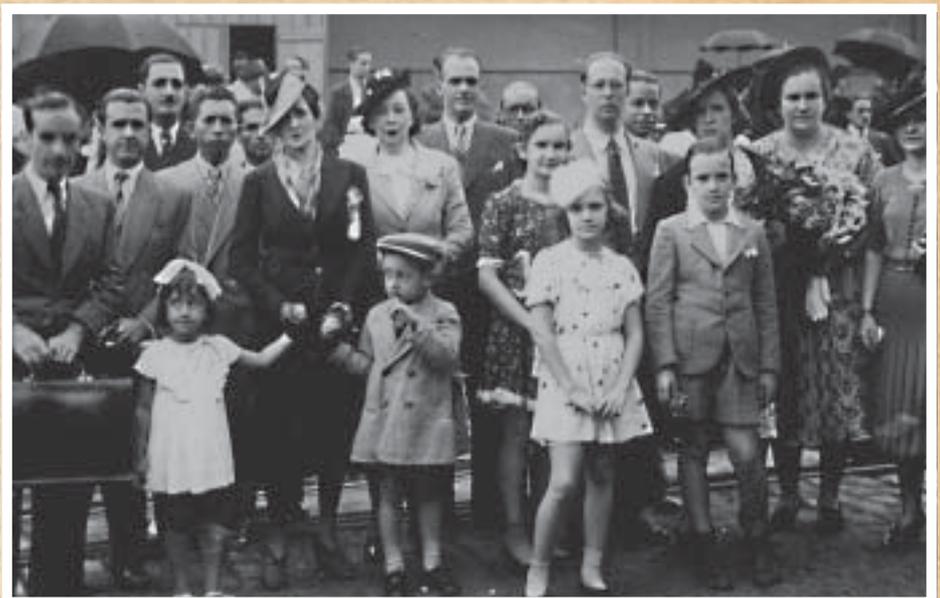


82 Anos

Obras começam a tornar realidade o Centro de Memória do Sindicato

Os bancários sempre participaram ativamente dos principais episódios históricos do país, na política, na cultura e nas lutas da categoria e da classe trabalhadora. Tudo começou no dia 17 de janeiro de 1930, com a criação da Federação dos Bancários do Brasil, gerada a partir da Associação de Funcionários de Bancos do Rio de Janeiro, em 5 de novembro de 1929.

Na política, o Brasil sofria uma profunda transformação, através da revolução que levaria ao poder o presidente Getúlio Vargas. Para comemorar os 82 anos do Sindicato dos Bancários do Rio, publicamos parte de nosso extraordinário acervo histórico. O Centro de Memória do Sindicato já tem local e as obras já começaram no 16º andar da sede da entidade.



O NASCIMENTO - O Sindicato foi fundado no dia 17 de janeiro de 1930. Delegação carioca, nos anos 40, se prepara para um encontro da categoria em Recife



SEDE PRÓPRIA - Em 1943, o Sindicato decide investir numa sede própria e compra dois andares do prédio da Avenida Presidente Vargas, 502, na época ainda em construção. Bancários participam de almoço de confraternização

82 Anos

**Arquivo de
imagens
resgata
história do
Sindicato dos
Bancários
do Rio**



ANOS 50 - Posse da diretoria, em 1958



COM BRIZOLA - Aluízio Palhano (ao microfone), eleito presidente do Sindicato em dezembro de 1958, com Leonel Brizola (quarto à direita). Em 1961, greve nacional conquista o salário profissional, data-base (1º de setembro) e gratificação de função



TRABALHISMO - O ministro do Trabalho do governo João Goulart, Almino Affonso (de pé), ouve o Sindicato na campanha salarial dos bancários



NOSSO MÁRTIR - O Sindicato sofre intervenção após o golpe militar de 1964. O bancário Aluízio Palhano foi torturado e assassinado pelo DOI-CODI, em 1971



SEMPRE COM LULA - Lula discursa na posse da nova diretoria do Sindicato, em 1979

82 Anos



ANISTIA - Os bancários participam da luta em defesa da anistia e da redemocratização do Brasil



DIRETAS - Campanha pelas Diretas, Já. Comício na Candelária reúne mais de um milhão de pessoas



MOBILIZAÇÃO HISTÓRICA - Assembleia dos bancários luta a Cinelândia nos anos 80



CONTRA A PRIVATIZAÇÃO - Luta contra o processo de privatizações já no governo Sarney



BANERJ - A categoria lutou contra a privatização de bancos públicos durante o governo FHC. Assembleia de banerjianos nas ruas do Rio

82 Anos



SOLIDARIEDADE – O Sindicato esteve ao lado de Betinho na luta contra a fome e a miséria



ESPORTES – A Copa Bancária é uma tradição de cerca de 20 anos na sede campestre



CORRENDO ATRÁS DO PREJUÍZO – A Corrida Rústica dos Bancários atrai atletas e amadores para a competição no Aterro do Flamengo



LÁGRIMAS E SANGUE – Banerjianos se emocionam em assembleia na Galeria dos Empregados do Comércio contra a privatização do banco



SAMBA NO PÉ – Nelson Sargento, baluarte da Mangueira, participou de eventos culturais do Sindicato. Abaixo, o Bloco dos Bancários Vestiu uma Camisinha Listrada e Saiu por Aí faz parte da relação oficial de blocos da Prefeitura do Rio



As conquistas de hoje e os alicerces do amanhã

Os anos de 2010 e 2011 foram marcados pelas maiores greves dos últimos tempos e os melhores acordos coletivos desde 2004. A elevação do piso salarial, o aumento real de salários pelo oitavo ano consecutivo, a ratificação da 13ª cesta-alimentação, além da inclusão na Convenção Coletiva do combate ao assédio moral e do compromisso por mais segurança, foram vitórias que marcaram a história da categoria. Ficou comprovado, mais uma vez, que somente através da unidade e da mobilização os trabalhadores conseguem novas conquistas.

O RIO É O BRASIL – Em 2010, bancários de todo o Brasil elogiaram a 12ª Conferência Nacional da categoria, realizada pela primeira vez no Rio de Janeiro



O s 82 anos do Sindicato são motivo de orgulho para os bancários do Rio e de todo o país. A categoria fez história desde a fundação da entidade, em 1930, e continua sua trajetória vitoriosa até os nossos dias. O mesmo Sindicato que enfrentou as intervenções do Estado Novo e a ditadura militar, que participou ativamente da

reconstrução e da consolidação da democracia, das campanhas das Diretas, Já e do *impeachment* de Collor, ajudou a garantir a eleição do primeiro operário, Luís Inácio Lula da Silva, e da primeira mulher, Dilma Rousseff, para a Presidência da República. Hoje, como no passado, os bancários continuam a ser sujeitos históricos e, junto com outras categorias, a vanguarda do movimento sindical brasileiro.

Enfrentando o neoliberalismo

A mobilização de estudantes e trabalhadores conseguiu derrubar Collor, mas não o neoliberalismo, consolidado no Brasil com a eleição de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) para a Presidência da República, em 1994. FHC, tendo como braço direito o então ministro do Planejamento e Orçamento, José Serra, entregou a grupos privados importantes estatais como a Telebras, Embratel e todo o sistema de telecomunicações, bancos estaduais, como Banerj e Banespa, e até a Vale do Rio Doce, uma das mais lucrativas empresas do país. Ao todo foram vendidas 109 empresas públicas.

O projeto neoliberal pretendia privatizar também o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal e até a Petrobras, mas a pressão dos trabalhadores impediu que estes três importantes patrimônios públicos fossem vendidos ao capital privado. A sanha privatista aconteceu em



O SÉCULO DAS MULHERES – A eleição de Dilma Rousseff, em 2010, representou a aprovação de um projeto democrático e popular iniciado por Lula. Os bancários fazem parte dessa história

meio a denúncias de irregularidades, negociatas, esquema de envio de

recursos para paraísos fiscais e enriquecimento ilícito.

Aumento real

Após mais de uma década de neoliberalismo, o povo brasileiro conseguiu dar fim à política privatista elegendo Luís Inácio Lula para a Presidência, em 2002, e Dilma Rousseff, em 2010.

Após amargar arrocho salarial e, no caso dos bancos públicos,

reajuste zero nos governos FHC, os bancários conquistaram, a partir de 2004, o aumento real de salários.

Apesar dos dois governos petistas terem o apoio da maioria dos bancários e dos trabalhadores brasileiros, a Central Única dos Trabalhadores (CUT), a Confederação

Nacional dos Trabalhadores no Ramo Financeiro (Contraf-CUT) e o Sindicato dos Bancários do Rio mantiveram a autonomia do movimento sindical, inclusive com críticas pesadas ao governo quando medidas e projetos feriram os interesses da classe trabalhadora.

Aumento real dos salários dos bancários (2004 a 2011)			
Ano	Reajuste	Inflação (INPC)	Aumento real
2004*	8,5% a 12,7%	6,64%	1,74% a 5,75%
2005	6%	5,01%	0,94%
2006	3,50%	2,85%	0,63%
2007	6%	4,82%	1,13%
2008**	8,15% e 10%	7,15%	0,93% e 2,6%
2009	6%	4,40%	1,50%
2010	7,50%	4,29%	3,08%
2011***	9%	7,50%	1,50%

* Além do reajuste de 8,5%, foram concedidos mais R\$30 para os salários até R\$1.500.
 ** Reajuste de 10% para salários até R\$2.500 e 8,15% para salários acima deste valor.
 *** Previsão de inflação feita em outubro de 2011.



QUEM LUTA CONQUISTA – Assembleias lotadas, uma constância na campanha salarial dos bancários. Em 2011, a categoria conquistou 9% de reajuste, a garantia de aumento real, a valorização do piso, que subiu 12%, além de 7,2% a mais na verba fixa da PLR, e o fim do transporte de dinheiro por bancários

Mais vitórias da categoria

Nos últimos anos, a categoria obteve vitórias importantes, que honram a história dos 82 anos do Sindicato. Em 2010, a maior greve dos últimos vinte anos (só seria superada pela mobilização de 2011), os bancários conquistaram, após 13 dias de paralisação, o maior aumento real desde 2004: 7,5% para salários até R\$5.250, um aumento real de 3,08%, o dobro em relação a 2009. Outra conquista importante foi a valorização do piso, que chegou até 16,3% de reajuste.

Em 2011, os bancários se superaram. A greve histórica de 21 dias garantiu um reajuste salarial de 9%, a valorização do piso salarial, com reajuste de 12% (aumento real de 4,3%). “Pelo segundo ano consecutivo conseguimos a valorização dos pisos e pelo oitavo ano seguido garantimos aumento real de salários. Estas conquistas são fruto da mobilização da categoria”, avalia o presidente do Sindicato, Almir Aguiar.

Três importantes cláusulas sociais também foram conquistadas nos dois últimos anos: a criação de mecanismos de combate e prevenção ao assédio moral (2010), uma cláusula que proíbe a divulgação de *ranking*



A FORÇA DA MOBILIZAÇÃO - A greve na campanha nacional dos bancários de 2011 foi a de maior poder de adesão e participação da categoria nos últimos 20 anos. Foram 21 dias de greve nacional, com mais de 9.254 agências fechadas

com performances individuais de cumprimento de metas e outra que põe fim ao transporte de numerários

por bancários (2011). Além disso, a categoria impediu o desconto dos dias parados.



LAZER É UM DIREITO – O Sindicato fez várias obras de reforma na sede campestre, um espaço verde que se torna cada vez mais atraente para a família bancária

Um novo Sindicato



Nos últimos anos, o Sindicato renovou sua frota de carros e criou o sindicato móvel para atender os bancários em todo o município



O Sindicato vem realizando, nos últimos anos, obras importantes para melhorar o atendimento a seus associados. Em 2004 foi iniciado o maior conjunto de obras na sede da entidade. Na verdade, os bancários ganharam uma nova sede, moderna, mais bonita e que tornou o atendimento à categoria mais eficiente.

No dia 7 de fevereiro do ano passado foi inaugurada a tecnologia *wireless*, permitindo aos bancários que visitam as dependências do Sindicato se conectarem à internet sem cabos. No mesmo ano, a sede campestre, em Jacarepaguá, foi revitalizada, com um novo parquinho para as crianças, melhorias nas churrasqueiras e na pavimentação.

Para 2012, muitas novidades virão. Já foram iniciadas as obras no 16º andar, onde serão construídas as novas salas da presidência e da vice-presidência, a reforma do Departamento dos Aposentados e criados o Centro de Memória e um espaço cultural para exposições de artes.

Credibilidade e reconhecimento público

Sindicato recebe as mais importantes condecorações do município e do Estado do Rio de Janeiro por sua contribuição à classe trabalhadora, à democracia e à sociedade

Ao longo de seus 82 anos, o Sindicato conquistou cada vez mais o reconhecimento público pelas lutas em defesa da categoria bancária, de toda a classe trabalhadora e da sociedade. A Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) concedeu, em agosto de 2010, a Medalha Tiradentes, a maior condecoração do Estado do Rio, à entidade, por iniciativa do deputado estadual Gilberto Palmares (PT). No mesmo mês, o presidente Lula, num encontro com Almir Aguiar e Vinicius de Assumpção, elogiou os bancários e os 82 anos do Sindicato. Em novembro, foi a vez de a Câmara de Vereadores do Rio entregar a Medalha Pedro Ernesto, em mais uma homenagem feita à categoria bancária. A iniciativa foi do vereador Reimont (PT). “As homenagens feitas ao Sindicato são, na verdade, a todos os bancários que fizeram e fazem a nossa história e a toda a categoria. É um reconhecimento público pela contribuição



Vera Luiza e Almir Aguiar emocionados na entrega da Medalha Pedro Ernesto, na Câmara de Vereadores, ao lado do vereador Reimont (PT)

histórica da entidade em favor dos trabalhadores e da democracia brasileira”, disse Almir, emocionado.



Vinicius de Assumpção (E) e Almir Aguiar com Lula. O presidente parabenizou todos os bancários e bancárias pelos 80 anos do Sindicato



Almir Aguiar, em nome de todos os bancários, recebe das mãos do deputado estadual Gilberto Palmares (PT) a Medalha Tiradentes, a maior condecoração do Estado do Rio

O livro-bomba

Com a primeira edição esgotada, o livro A Privatária Tucana, do jornalista Amaury Ribeiro Jr., revela o esquema de pagamento de propinas a caciques do PSDB durante as privatizações

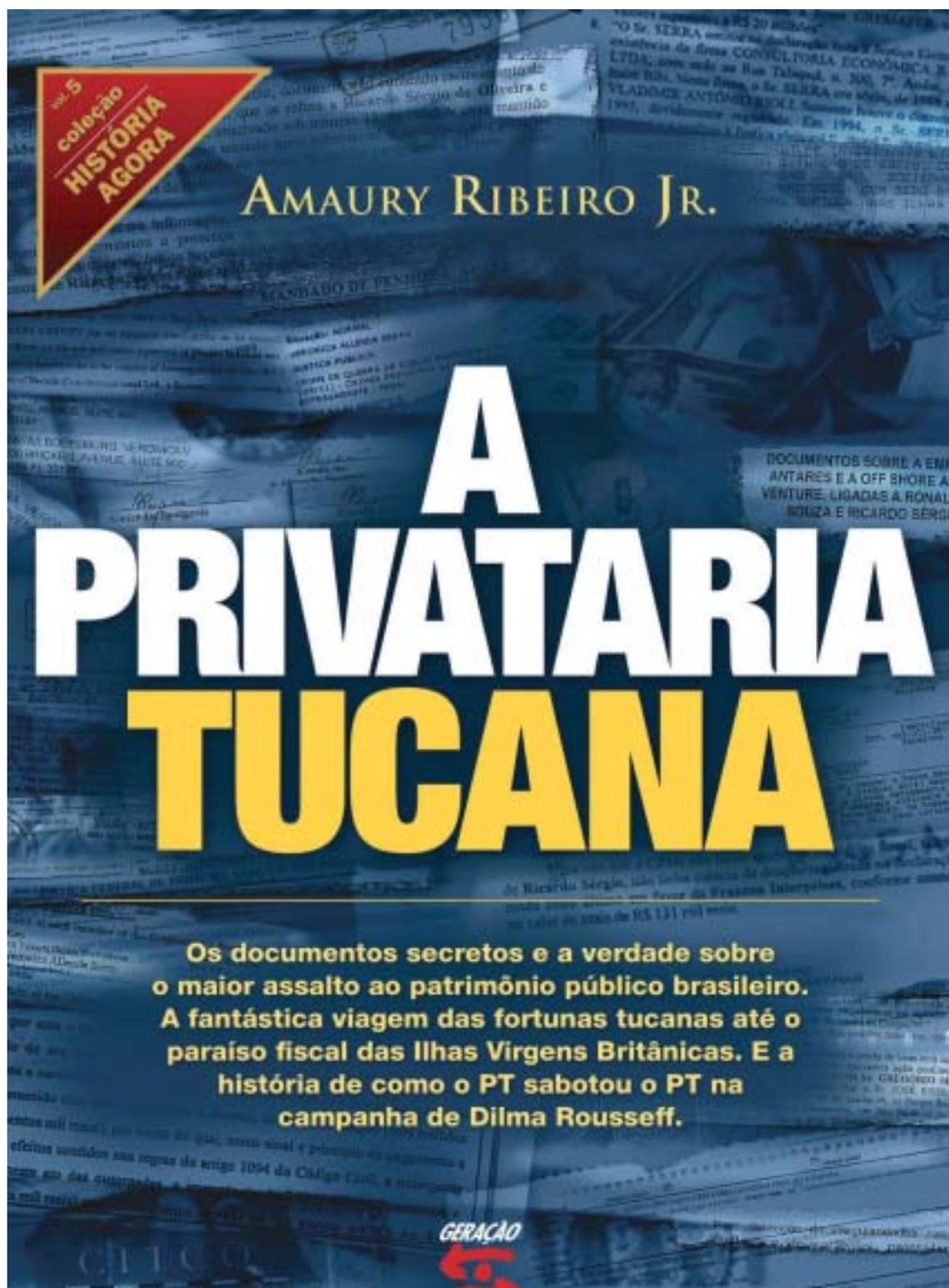
Em meio ao bombardeio de denúncias da grande mídia ao governo Dilma Rousseff, o livro *A Privatária Tucana*, que revela o esquema de propinas do PSDB durante as privatizações feitas no governo Fernando Henrique Cardoso, não mereceu uma linha sequer em jornais como *O Globo*, mas o assunto investigado

pelo jornalista Amaury Ribeiro Jr. invadiu blogs e redes sociais e teve sua primeira edição, de 15 mil exemplares, esgotada. O livro mostra como o Banco Opportunity, um dos grupos mais beneficiados pelo esquema, aportou recursos em paraísos fiscais e em empresas de Verônica Serra, filha do ex-governador de São Paulo e eterno presidenciável tucano José Serra. O autor revela ainda como esse dinheiro voltou ao país e serviu, entre outras coisas, para simular a compra da casa em que Serra vive.

A maracutaia não para por aí. Amaury Jr. denuncia que vários envolvidos no esquema são pessoas com estreita ligação política, pessoal e familiar com o candidato do PSDB derrotado nas eleições presidenciais de 2010. A negociata acontece desde o início dos anos 90, utilizando o Banespa, o Banco do Brasil e paraísos fiscais.

É bom lembrar também que economistas enriqueceram com operações cambiais durante a transição para o Plano Real.

LIBERDADE DE EXPRESSÃO
Com a primeira edição esgotada, *A Privatária Tucana* já é um sucesso. O PSDB promete entrar na Justiça para censurar o livro





CARREIRA ENCERRADA? - José Serra é acusado de participar de um esquema de enriquecimento pessoal e familiar e não respondeu a nenhuma das acusações feitas no livro *A Privatária Tucana*. Há quem considere as denúncias o fim de sua carreira política

A ruína de Serra

Em seu artigo na revista *Carta Capital*, o jornalista Luís Nassif afirma que Serra, ao não responder a nenhuma das denúncias relatadas no livro, mais do que ter se pultado suas pretensões políticas de chegar ao Palácio do Planalto, pode estar decretando o fim de sua carreira vida pública.

A situação de Serra é ainda mais delicada porque o livro, além de denunciar um esquema de enriquecimento ilícito, remonta como o tucano montou em sua campanha presidencial um sistema das boatarias na internet e supostos dossiês, inclusive com fogo amigo, contra Paulo Renato de Souza e Aécio Neves.

CPI: Risco de pizza

A criação de uma Comissão Parlamentar de

Inquérito (CPI) para investigar o esquema de propina das privatizações, proposta pelo deputado Protógenes Queiroz (PCdoB-SP), encontrará muitas adversidades para ser aprovada no Congresso Nacional. Segundo o parlamentar, já tem o apoio de 185 parlamentares à

CPI, embora a previsão inicial era de cerca de 206 assinaturas. De qualquer forma, foi atingido o mínimo necessário, que é de 171 assinaturas, para a criação da Comissão. Caberá agora ao presidente da Casa, Marco Maia (PT-RS), decidir pela criação ou não da Comissão, ao analisar se tem um fato determinado a ser investigado. Maia pediu à secretária-geral da Mesa que emita um parecer sobre o tema para tomar uma decisão.

Como a maior parte dos partidos políticos têm sistema de doleiros e dinheiro em paraísos fiscais, o risco de pizza é grande. Que o diga a CPI do Banestado, que também denunciava caciques do PSDB e não foi adiante. Só o povo nas ruas, com os movimentos sociais à frente, pode garantir uma investigação séria a tal ponto que nem a grande mídia poderá esconder.

Sindicato sorteará livro

O Sindicato dos Bancários do Rio sorteará no próximo dia 17, data de aniversário da entidade, cinco exemplares do livro *A Privatária Tucana*. O cupom, encontrado na última edição do *Jornal bancário*, deve ser preenchido e devolvido ao entregador do jornal ou pelo fax 2103-4112. Só podem participar do sorteio bancários sindicalizados. Mas lembre-se: você tem direito a enviar apenas um único cupom. O livro está na lista dos mais vendidos.

O senador dos trabalhadores

Os moradores de Caxias do Sul não podiam imaginar que naquele frio 15 de março de 1950 nascia na cidade serrana gaúcha mais um cidadão ilustre. O bebê Paulo Renato se tornaria décadas mais tarde um dos parlamentares mais combativos e importantes do Congresso Nacional brasileiro. Filho da dona de casa Itália Paim e do metalúrgico Ignácio Paim, Paulo começou a trabalhar cedo, aos oito anos, amassando barro numa fábrica de vaso de plantas.

Ao concluir o curso de marceneiro e ferramenteiro do Senai, tornou-se metalúrgico, passando a ser chamado pelo nome como é conhecido nacionalmente: Paulo Paim. Nesta entrevista, o senador do PT do Rio Grande do Sul conta um pouco da sua trajetória política e os obstáculos que enfrentou. “Uma coisa que marca minha atuação é uma certa rebeldia, ousadia e independência em relação àqueles que se sentem donos da verdade. Isto também me cria dificuldades”, admite, para, em seguida, emendar: “Mas não mudo uma vírgula do meu ponto de vista até que me provem o contrário do que estou defendendo”.

Jornal Bancário – O que levou o jovem Paulo Paim a se interessar por política, ser dirigente sindical e a se transformar num dos parlamentares mais combativos e influentes do Congresso Nacional, sempre defendendo os interesses dos trabalhadores da ativa e aposentados?

Paulo Paim - Sou filho de um casal de operários já falecidos. Éramos dez irmãos. Aprendi desde pequeno sobre o valor da distribuição de renda. Afinal, meus pais recebiam apenas um salário



CORAGEM - O senador Paulo Paim (PT-RS) está na vanguarda das lutas em defesa dos trabalhadores no Congresso Nacional

mínimo, tanto na ativa quanto na aposentadoria.. Percebi ali o quanto é importante a valorização do salário mínimo e a distribuição de renda. Comecei a fazer política estudantil nos grêmios escolares, no ensino fundamental. Depois me tornei presidente desses grêmios, e a partir das fábricas acabei sendo dirigente sindical. Presidi o Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas (RS) e a Central Estadual de Trabalhadores, que era unitária: reunia todo o movimento sindical. Em 1983 fundamos a CUT. Fui eleito secretário-geral da Central. Defender os trabalhadores, aposentados, pensionistas e todos que de uma forma ou de outra são discriminados é um princípio de vida. Quando fui indicado na Conferência Estadual de Trabalhadores no Rio Grande do Sul para ser deputado constituinte lembro-me de ter dito que aceitava a empreitada com o objetivo de fazer de minha vida a luta em defesa dos trabalhadores das áreas pública e privada, dos aposentados e pensionistas.

Bancário – Que pessoas mais o incentivaram a seguir a carreira política?

Paim – Minha carreira política foi marcada pela força dos próprios movimentos sociais. Foram eles que me levaram a ser líder sindical, depois à Câmara e ao Senado. Claro que nessa longa caminhada olhava com muito carinho a imagem de homens como Gandhi, Mandela, Martin Luther King e Zumbi dos Palmares. Na minha trajetória caminhei ao lado de Olívio Dutra, Tarso Genro, o presidente Lula e a ex-ministra Dilma Rousseff, os quais conheço há mais de 30 anos.

Bancário – Quais as principais dificuldades que o senhor enfrenta

em sua trajetória?

Paim – Dificuldades pelas quais grande parte de nossa gente passa. O preconceito por ser negro, pobre e operário. Pela falta de oportunidades e de dinheiro para enfrentar campanhas. Calculo como deve ser difícil para uma liderança se candidatar a vereador, a deputado ou a um cargo no Executivo se não tiver verbas. Até hoje enfrento inúmeras dificuldades. Dificuldades porque sou um parlamentar que tem sua marca na defesa dos trabalhadores, das pessoas com necessidades especiais, dos idosos, dos aposentados e pensionistas e daqueles



INFÂNCIA - A casa onde passou parte de sua infância, em Caxias do Sul (RS)

que sofrem discriminação. Uma coisa que marca minha atuação é uma certa rebeldia, ousadia e independência em relação àquelas que se sentem donos da verdade. Isto também me cria dificuldades. Mas não mudo uma vírgula do meu ponto de vista até que me provem o contrário do que estou defendendo.

Bancário – Que significado teve para os trabalhadores e para o país a fundação do PT, em 1980, e da CUT, em 1983, sendo que o senhor participou ativamente da criação dos dois?

Paim - A CUT foi a primeira central fundada após o período da ditadura militar. Nela fui eleito secretário-geral e o Meneghelli, presidente. Em seguida vie-

ram as outras centrais sindicais, fortalecendo assim a autonomia e a liberdade sindical. O PT foi a concretização de um sonho, quando os trabalhadores perceberam que queriam seu partido com suas convicções, ideias e propostas. Que bom que avançamos. Hoje o PT, sem sombra de dúvidas, é uma das maiores forças políticas do país, elegeu, inclusive, o presidente Lula por duas vezes.

Bancário – O senhor foi deputado federal de 1987 a 2002, sendo eleito senador em 2003, com mais de dois milhões de votos, e também em 2010. Mesmo assim, nunca se candidatou a um cargo no Executivo. Por quê?

Paim - Tudo deve ser dentro do seu tempo. Alguém já disse que a sabedoria está em dar tempo ao tempo para que no tempo certo o passo seja dado. De fato, fui quatro vezes deputado federal e agora estou no nono ano como senador. Como

dizia, o tempo é o senhor da verdade. Quem sabe no futuro eu me apresente para um cargo no Executivo se essa for a vontade da população.

Bancário – No Congresso Nacional o senhor decidiu focar sua atuação em quatro atividades principais: recuperação do salário mínimo, defesa dos direitos dos trabalhadores da ativa e aposentados, da Previdência Social e apoio à luta contra o racismo. Por que fez estas opções?

Paim – Esses quatro assuntos foram alguns dos temas que motivaram minha trajetória. Apresentei em torno de 1.300 propostas no Congresso Nacional que tratam desde um novo pacto federativo com responsabilidade

social e ambiental, o orçamento impositivo, até o fim do voto secreto, investimentos na saúde, habitação, segurança, saneamento básico, entre outras. Sempre procurei dar ao meu mandato uma visão republicana.

Bancário - Que projetos de sua autoria o senhor avalia como mais importantes?

Paim – A valorização do salário mínimo foi importante, pois o relatório da Comissão Mista do Salário Mínimo indicou a atual política adotada pelo governo e os resultados estão aí. Destaco ainda os Estatutos do Idoso (Lei), da Pessoa com Deficiência, da Igualdade Racial (Lei) e dos Motoristas, o Fundo de Desenvolvimento da Educação Profissionalizante (Fundep), o projeto que regulamenta a profissão dos comerciantes, que foi aprovado no Senado. Há ainda o fim do fator previdenciário e a recuperação dos proventos dos aposentados e pensionistas, além de tantos outros. São mais de 1.300 projetos e considero todos importantes.

Bancário - Governos passados o criticavam por apresentar projetos de reposição do poder de compra do salário mínimo, alegando que quebraria empresas, a União, estados e municípios. O mínimo vem sendo aos poucos aumentado, sem quebrar nada. A equipe econômica do governo Lula o criticava por apresentar projetos como o que recupera o poder de compra das aposentadorias e o que extingue o fator previdenciário, alegando que quebraria a Previdência Social. O que existe de verdade nisto tudo?

Paim – Estou acostumado com esse tipo de contextualização. Os mesmos que diziam que meus projetos do salário mínimo eram demagógicos hoje batem palmas e dizem que tínhamos razão. Os que diziam há dois anos que o dinheiro do Pré-Sal para a Previdência era demagogia, hoje admitem, como propus há três anos, que parte dos recursos sejam destinados à saúde e à Previdência. Hoje essas pessoas admitem o fim do



EM DEFESA DOS APOSENTADOS - No Senado Federal, pressão para a aprovação do projeto que acaba com o fator previdenciário

fator previdenciário. Começaram até a atender em parte o princípio de que todos os aposentados e pensionistas ganhem reajustes reais acima da inflação. As críticas, para felicidade minha, vão se diluindo ao sabor do vento. O povo sabe que estou com a razão. É um absurdo que se tenha dinheiro para tudo, menos para os aposentados e pensionistas e para o fim do fator. A Previdência, que está na Seguridade Social, não é deficitária e não será no futuro, até porque já estão acertando que o Fundo Social do Pré-Sal destinará recursos para a área. Acho importante que também se aprove a PEC de minha autoria que determina que os recursos da Seguridade não sejam destinados a outros fins.

Bancário - O que precisa ser feito para recuperar o poder de compra das aposentadorias e pensões e extinguir o fator previdenciário?

Paim – O que precisa ser feito, na verdade, é mobilização. Se a sociedade brasileira entendeu quanto é perverso o fator previdenciário, que confisca de 30% a 51% das aposentadorias, seria ótimo. Infelizmente muitos ainda não entenderam isso. O reajuste dos benefícios de aposentados tem que acompanhar o crescimento do PIB, é mais que justo! Já aprovei todos esses projetos por unanimidade aqui no Senado. Agora é a vez da Câmara dos Deputados aprovar. Os tambores precisam bater forte para pressionar os deputados.



NA CÂMARA DOS DEPUTADOS - Durante a Constituinte de 1988, quando era deputado federal (D)

A CUT e a luta pelo fim da ditadura no Brasil

Bancários se filiaram ao movimento sindical cutista em 1986, do qual surgiu, em 1992, a CNB, atual Contraf-CUT

No dia 28 de agosto, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) completará 29 anos. A maior central sindical da América Latina e a quinta maior do mundo foi fundada em 1983, em São Bernardo do Campo (SP), durante o 1º Congresso Nacional da Classe Trabalhadora (Conclat). Mais de cinco mil homens e mulheres, vindos de todas as regiões do país, lotaram o galpão da extinta Companhia Cinematográfica Vera Cruz para tomar aquela decisão histórica.

A CUT surgia como parte de um poderoso movimento nacional de lutas, com greves e grandes mobilizações populares que exigiam o fim da ditadura militar imposta ao povo brasileiro de 1964 a 1985. Este processo reivindicatório começou na década de 1970 e início dos anos 1980. Setores da sociedade civil voltavam aos poucos a se expressar e se manifestar publicamente, dando início à luta pela redemocratização.

“A CUT, mais do que um instrumento de luta e de organização sindical, representa o desafio de dar um caráter permanente à presença organizada dos trabalhadores e trabalhadoras na política nacional. O fortalecimento da democracia, o desenvolvimento com distribuição de renda e a valorização do trabalho são marcos estratégicos da CUT”, disse o secretário de Administração e Finanças da CUT, Vagner Freitas.

O Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, entre muitos outros,



Vagner Freitas, secretário de Administração e Finanças da CUT: “Este importante sindicato cutista, com sua diretoria atuante, demonstra diariamente seu compromisso com a democracia e pela constante luta por liberdade e autonomia sindical”

como o dos Metalúrgicos do ABC Paulista e oposições cutistas aos sindicatos conservadores, fez parte desta luta, organizando grandes greves e apoiando as de outras categorias. Estas mobilizações traziam reivindicações econômicas, mas também a exigência do fim do regime ditatorial, a anistia aos presos e exilados políticos e a realização de eleições diretas. Como consequência, em 1985, acaba a ditadura, e, em 1986, é eleito, de forma indireta, um presidente civil.

Contraf-CUT

Estas mobilizações, lideradas pelas direções sindicais contrárias ao sindicalismo oficial corporativo, há muito estagnado, deram origem à Central Única dos Trabalha-

dores, resultado da luta de décadas de trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade pela criação de uma entidade única que os representasse. Em 1986, o Sindicato filia-se à CUT. Seis anos após, é criada a Confederação Nacional dos Bancários (CNB), que atualmente é a Contraf-CUT.

“Em seus 82 anos história, o Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro é marcado pela importante contribuição para o fortalecimento do movimento sindical brasileiro. Este importante sindicato cutista, com sua diretoria atuante, demonstra diariamente seu compromisso com a democracia e pela constante luta por liberdade e autonomia sindical”, acrescenta Vagner Freitas.

Parabéns!



A Serra da Canastra já é um diamante



Nosso protesto contra a proposta do governo de permitir a exploração mineral em uma das mais belas reservas naturais do país, fundamental para o equilíbrio ecológico do planeta.

